

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2016

Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Fight Club, © 1996 by Chuck Palahniuk

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Publicado por acordo com o MB Agencia Literaria, S.L.

Título original: *Fight Club*

Título: *Clube de Combate*

Autor: Chuck Palahniuk

Tradução: Hugo Gonçalves

Revisão: Joaquim E. Oliveira

Paginação: Maria João Gomes

Capa: © Companhia/Marcador Editora

Imagens de capa: © Allg-Thinkstock

Fotografia do autor: © Sarah Lee, 2004

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-166-7

Depósito legal: 408 132/16

1.ª edição: maio de 2016

1

O Tyler arranja-me um trabalho como empregado de mesa, depois, o Tyler está a empurrar uma pistola para dentro da minha boca e diz, o primeiro passo para a vida eterna é que tens de morrer. No entanto, durante muito tempo, o Tyler e eu éramos os melhores amigos. As pessoas estão sempre a perguntar-me se eu conhecia o Tyler Durden.

O cano da arma está pressionado contra o fundo da minha garganta. O Tyler diz, «A verdade é que não vamos morrer».

Com a língua, consigo sentir os buracos de silenciador que fizemos no cano da pistola. Grande parte do barulho de um disparo é provocada pelos gases em expansão, e há o pequeno *boom* sónico porque a bala se move tão depressa. Para fazer um silenciador só tens de perfurar buracos no cano da pistola, muitos buracos. Isso permite que os gases escapem e desacelera a bala até uma velocidade inferior à do som.

Se fizeres mal os buracos, a arma explode-te nas mãos.

«Isto não é realmente a morte», diz o Tyler. «Seremos lenda. Não vamos envelhecer.» Empurro o cano com a

língua contra a bochecha e digo, Tyler, estás a pensar em vampiros.

O edifício onde estamos não estará de pé daqui a dez minutos. Pegas em 98 por cento de ácido nítrico fumegante e acrescentas o triplo de ácido sulfúrico. Faz isto numa banheira com gelo. Depois acrescenta glicerina, pingo a pingo, com um conta-gotas para os olhos. Tens nitroglicerina.

Eu sei isto porque o Tyler sabe isto.

Mistura a nitroglicerina com serradura e tens um ótimo explosivo plástico. Há muita gente que mistura a nitroglicerina com algodão e sulfato de magnésio. Também funciona. Outros usam parafina misturada com nitroglicerina. A parafina nunca funcionou comigo.

Então, o Tyler e eu estamos no topo do edifício Parker-Morris, a pistola enfiada na minha boca, e ouvimos os vidros partirem-se. Olhamos além do prédio. Mesmo estando nós a esta altura, o dia está nublado. Este é o edifício mais alto do mundo e, a esta altura, o vento é sempre frio. Está tudo tão calmo cá em cima, a sensação é de que somos um desses macacos que são enviados para o espaço. Fazemos o pequeno trabalho para o qual nos treinaram.

Puxa uma alavanca.

Pressiona um botão.

Não percebes nada e depois limitas-te a morrer.

No topo dos 191 andares do prédio, espreitamos além da beira do terraço, e a rua, lá em baixo, é um tapete peludo e pintalgado de pessoas que olham para cima. Os vidros partidos vêm das janelas do piso abaixo de nós. Uma janela explode na ilharga do edifício e aí vem um móvel grande, como se fosse um frigorífico preto. Mesmo abaixo de nós, um arquivador de seis gavetas descola do precipício da fachada e cai, rodando lentamente, e cai, ficando menor, e cai, desaparecendo entre a multidão compacta.

Algures nos 191 andares abaixo de nós, os macacos espaciais do Comité Malvado, do Projeto Caos, correm desalmadamente, destruindo qualquer pedaço de história.

Aquele adágio antigo, que diz que matamos sempre aquilo que amamos, bem, funciona para ambos os lados.

Com a pistola enfiada na boca e o cano entre os dentes, só consegues dizer as vogais.

Entrámos nos últimos dez minutos.

Explode outra janela no edifício. Vidro pulverizado, cintilante como um bando de pombos. Depois, uma secretária de madeira escura, empurrada pelo Comité Malvado, emerge centímetro a centímetro do prédio até que oscila e desliza e descamba, num voo mágico que se perde na multidão.

O edifício Parker-Morris não estará aqui dentro de dez minutos. Se pegares em suficiente gelatina explosiva e forreres as colunas das fundações, podes derrubar qualquer edifício do mundo. Tens de calcá-la firmemente com sacos de areia, para que a explosão vá contra a coluna em vez de avançar para o parque de estacionamento ao redor da coluna.

Esta coisa do «faça você mesmo» não vem em nenhum livro de História.

As três maneiras de fazer *napalm*: Uma, podes misturar partes iguais de gasolina e de concentrado de sumo de laranja congelado. Duas, podes misturar partes iguais de gasolina e *Coca-Cola Diet*. Três, podes dissolver areia sanitária para gatos em gasolina até que a mescla esteja espessa.

Perguntem-me como se faz gás-mostarda. Oh, todas aquelas bombas loucas em carros.

Nove minutos.

O edifício Parker-Morris vai desmoronar, todos os 191 andares – tão lentamente como uma árvore que tomba na floresta. Madeira! Podes derrubar qualquer coisa. É estranho pensar que, visto do céu, o sítio onde estamos será apenas um buraco negro.

O Tyler e eu estamos na beira do terraço, a arma na minha boca. Penso se a arma estará limpa.

Esquecemos totalmente a questão do homicídio-suicídio enquanto observamos outro arquivador escorregar para fora do prédio e as gavetas girarem durante a queda, resmas de papel branco levantadas pela brisa e levadas pelo vento.

Oito minutos.

Depois, fumo. Fumo começa a sair das janelas partidas. A equipa de demolição vai ativar a carga principal, as colunas das fundações vão esfarelar-se e a sequência de fotos do edifício Parker-Morris vai aparecer em todos os livros de História.

Uma série, com saltos temporais, de cinco fotos. Nesta foto, o prédio está de pé. Segunda imagem: o edifício vai estar num ângulo de 80 graus. Depois, num ângulo de 70 graus. Na quarta fotografia, o prédio estará num ângulo de 45 graus, o esqueleto começará a arder e a torre ficará curvada como um arco. Na última foto, todos os 191 andares vão despedaçar-se sobre o museu nacional, que é o verdadeiro alvo do Tyler.

«Agora, este é o nosso mundo, o nosso mundo», diz o Tyler, «e aquelas pessoas antigas estão mortas.»

Se soubesse como tudo isto ia acabar, estaria mais do que feliz por, neste momento, estar morto e no Paraíso.

Sete minutos.

No topo do edifício Parker-Morris, tenho a arma do Tyler na minha boca enquanto secretárias e arquivadores e computadores caem como meteoritos sobre a multidão em redor do prédio. O fumo eleva-se das janelas partidas. Três quarteirões mais abaixo, a equipa de demolição está atenta ao relógio. Sei tudo isto – a arma, a anarquia, a explosão – por causa da Marla Singer.

Seis minutos.

Somos uma espécie de trio. Eu quero o Tyler. O Tyler quer a Marla. A Marla quer-me a mim. Eu não quero a

Marla, e o Tyler, agora, já não me quer por perto. Isto não tem que ver com *amor* – no sentido de *cuidar* de alguém. Isto tem que ver com *propriedade* – no sentido de ser *dono* de alguém.

Sem a Marla, o Tyler não teria nada.

Cinco minutos.

Talvez nos tornássemos lendas, talvez não. Não, digo. Mas, esperem.

Quem seria Jesus se ninguém tivesse escrito os evangelhos?

Quatro minutos.

Empurro o cano da arma contra a bochecha e digo, tu queres ser uma lenda, Tyler, então, meu, eu faço de ti uma lenda. Estou aqui desde o início.

Lembro-me de tudo.

Três minutos.

2

Os grandes braços do Bob apertavam-me para que ficasse mais próximo, e fui espremido contra a mancha negra entre as suas mamas novas e suadas, que pendiam, descomunais e gigantes, tal qual como imaginamos que Deus é gigante. Na cave da igreja cheia de homens, todas as noites fazíamos as apresentações – este é o Art, este é o Paul, este é o Bob; os ombros grandes do Bob faziam-me pensar no horizonte. O cabelo espesso e loiro do Bob era aquilo que acontece quando o gel passa a chamar-se «musse para esculpir», o cabelo tão espesso e loiro, e o risco tão direito.

Os seus braços apertados à minha volta, a palma da mão do Bob empurra-me contra as suas mamas novas, que saem do seu peito abaulado.

«Vai ficar tudo bem», diz o Bob. «Agora podes chorar.»

Dos pés à cabeça, sinto as reações químicas dentro do Bob, carburando comida e oxigénio.

«Talvez tenham descoberto a tempo», diz o Bob. «Talvez seja apenas seminoma. Com seminoma, tens uma probabilidade de sobrevivência de quase cem por cento.»

Os ombros do Bob elevam-se longamente quando inala, depois caem, caem, caem em safanões e soluços. Elevam-se. E caem, caem, caem.

Tenho vindo aqui todas as semanas nos últimos dois anos, e todas as semanas o Bob envolve-me nos seus braços e chora.

«Podes chorar», diz o Bob, e inala, e soluça, soluça, soluça. «Isso, chora.»

A sua cara grande e molhada repousa no topo da minha cabeça, e sinto-me perdido cá dentro. E é assim que costumo começar o choro. Chorar é algo esperado naquela negritude sufocante, estás preso nos braços de alguém e dás-te conta de que tudo o que podes conseguir na vida acabará no lixo.

Tudo aquilo em que tiveste orgulho vai ser atirado fora.
E sinto-me perdido cá dentro.

Foi o mais próximo que estive de dormir em toda a semana.

E foi assim que conheci a Marla Singer.

O Bob chora porque há seis meses os seus testículos foram removidos. Depois fez terapia hormonal. O Bob tem mamas porque a dose de testosterona é excessiva. Se aumentares muito os níveis de testosterona, o corpo também eleva a produção de estrogénio para conseguir um equilíbrio.

É aqui que começo a chorar, porque, agora mesmo, a vida não resulta em nada, nem sequer em nada, mas no esquecimento absoluto.

Demasiado estrogénio e ficas com tetas de cadela.

É fácil chorar quando percebes que todos aqueles que te amam vão rejeitar-te ou morrer. Numa linha de tempo suficientemente longa, a taxa de sobrevivência de toda a gente cai para zero.

O Bob ama-me porque acha que os meus testículos também foram removidos.

À nossa volta, na cave da Trindade Episcopal, juntamente com os sofás de xadrez de uma loja barata, estão talvez vinte homens e uma mulher, todos eles juntos, aos pares, a maioria chorando. Alguns pares inclinam-se para a frente, as cabeças encostadas, orelha com orelha, da mesma maneira que os praticantes de luta livre encaixam um no outro. O homem que faz par com a única mulher na sala tem os cotovelos nos ombros dela, um cotovelo em cada lado, e põe a sua própria cabeça entre as mãos, e a cara chora de encontro ao pescoço dela. A face da mulher roda para o lado e a sua mão levanta um cigarro.

Espreito através do sovaco do Big Bob.

«Durante toda a vida», diz o Bob, chorando, «nunca soube por que fazia o que fazia.» A única mulher aqui, no grupo Homens Que Perduram Juntos, de apoio aos doentes de cancro dos testículos, essa mulher fuma o seu cigarro sob o fardo da tristeza de um estranho, e os seus olhos encontram-se com os meus.

Falsa.

Falsa.

Falsa.

Cabelo negro, fosco, olhos grandes como numa banda desenhada japonesa. Delgada como leite magro e pálida como leite desnatado. O vestido com um padrão de rosas escuras. Esta mulher também participava no meu grupo de apoio aos tuberculosos, na sexta-feira à noite. E estava na mesa-redonda sobre melanoma nas noites de quarta-feira. Na segunda-feira, aparecia no meu grupo de discussão da leucemia, Crentes Firmes. O centro do seu couro cabeludo é um relâmpago retrocido de escalpe branco.

Quando procuras este tipo de grupos, percebes que todos têm nomes otimistas. O meu grupo de quinta-feira, para pacientes com parasitas no sangue, chama-se Livre e Limpo.

O grupo que frequento por causa dos parasitas no cérebro chama-se Mais Alto e Mais Além.

E, no domingo à tarde, na reunião dos Homens Que Perduram Juntos, na cave da Trindade Episcopal, esta mulher está aqui. Outra vez.

Pior do que isso: não consigo chorar com ela a olhar para mim.

Esta devia ser a minha parte favorita, quando sou agarrado e, sem esperança, choro com o Big Bob.

Este é o único sítio onde posso relaxar e entregar-me. Estas são as minhas férias.

Fui ao meu primeiro grupo de apoio há dois anos, depois de, mais uma vez, ter consultado o médico sobre a minha insónia.

Três semanas e eu sem dormir. Três semanas sem sono e tudo se torna uma experiência em que parece que estamos fora do corpo. O médico disse: «A insónia é apenas um sintoma de algo maior. Descubra o que, de facto, está errado. Oiça o seu corpo».

Eu só queria dormir. Queria as pequenas cápsulas azuis de *Amorbital*, 200 miligramas. Queria cápsulas vermelhas e azuis de *Tuinal* ou as *Seconal*, vermelhas como batom.

O médico disse para eu mastigar raiz de valeriana e fazer mais exercício. Em algum momento, eu teria de adormecer.

Tendo em conta a forma como a minha cara inchada, de fruta podre, tinha colapsado, podiam até pensar que tinha morrido.

O médico disse, quer ver dor a sério, visite o grupo Primeira Eucaristia, nas noites de terça-feira. Veja os doentes de parasitas no cérebro, de doenças degenerativas, de disfunções orgânicas do cérebro. Veja os pacientes de cancro a tentar sobreviver.

E eu fui.

No primeiro grupo, houve apresentações. Esta é a Alice, esta é a Brenda, este é o Dover. Todos sorriem com uma pistola invisível encostada à cabeça.

Nunca digo o meu verdadeiro nome nos grupos de apoio.

O pequeno esqueleto feminino que é a Chloe, com o fundilho das calças triste e vazio, diz-me que a pior coisa dos parasitas no cérebro era que ninguém queria ter sexo com ela. Ali estava a Chloe, tão perto da morte que a companhia de seguros de vida quisera pagar antecipadamente parte do prémio, em vida, para não ter de pagar a totalidade após a morte da Chloe. Tudo o que ela queria era dar uma queca. Não queria intimidade, mas sexo.

O que diz um gajo nesta situação? Isto é, o que é que podia ter dito?

Toda esta sensação de morte tinha começado com a Chloe a ficar um pouco cansada, e agora a Chloe estava demasiado aborrecida para continuar o tratamento. Filmes pornográficos. Ela tinha filmes pornográficos em casa, no seu apartamento.

Durante a Revolução Francesa, contou-me a Chloe, as mulheres na prisão, as duquesas, as baronesas, as marquesas, sei lá, todas elas dormiam com qualquer homem que aparecesse. A Chloe respirava junto ao meu pescoço. Põe-te em cima de mim. Monta-me, não queres? Foder faz passar o tempo.

La petite mort, chamavam-lhe os franceses.

A Chloe tinha filmes pornográficos, caso eu estivesse interessado. Tinha o entorpecente afrodisíaco nitrito de amila. Tinha lubrificantes.

Numa situação normal, eu teria uma ereção. Mas a nossa Chloe é um esqueleto mergulhado em cera amarela.

No estado em que ela está, não sou capaz de fazer nada. Menos que nada. Ainda assim, o ombro da Chloe toca no meu quando nos sentamos em círculo na alcatifa felpuda. Fechamos os olhos. Era a vez de a Chloe liderar e nos guiar durante a meditação, e ela levou-nos para o jardim da serenidade, depois fomos colina acima até ao palácio das sete portas. Dentro do palácio estavam sete portas, a porta verde, a porta

amarela, a porta laranja, e a Chloe disse-nos para abriremos cada porta, a porta azul, a porta vermelha, a porta branca, e descobriremos o que lá estava.

De olhos fechados, imaginávamos a nossa dor como uma bola de luz branca e curativa, flutuando ao redor dos nossos pés e subindo até aos joelhos, à cintura, ao peito. Os nossos chacras abertos. O chacra do coração. O chacra da cabeça. A Chloe falava, dirigindo-nos para as cavernas, e ali conhecíamos os nossos animais poderosos. O meu era um pinguim.

Gelo cobria o chão da caverna e o pinguim disse, escorrega. Sem qualquer esforço, escorregámos por túneis e galerias.

Depois era o Tempo dos Abraços.

Abram os olhos.

Agora, o contacto físico terapêutico, disse a Chloe. Escolhemos um parceiro. A Chloe enlaçou a minha cabeça nos seus braços e chorou. Em casa, ela tinha *lingerie* sem alças, e chorava. A Chloe tinha óleos e algemas, e chorava enquanto eu via o segundo ponteiro dar onze voltas ao relógio.

Não chorei no meu primeiro grupo de apoio, há dois anos. Também não chorei no meu segundo e no terceiro grupo. Não chorei nos grupos de parasitas no sangue, cancro dos intestinos e demência orgânica do cérebro.

Com a insónia é assim: tudo parece muito distante, uma cópia de uma cópia de uma cópia. A insónia afasta tudo, não podes tocar coisa alguma, e coisa alguma te toca.

E depois apareceu o Bob. A primeira vez que fui ao grupo do cancro testicular, o Bob, o grande alce, o grande pão de queijo, caiu em cima de mim durante o encontro dos Homens Que Perduram Juntos e começou a chorar. O grande alce avançou pela sala quando chegou a hora. Os braços ao lado do corpo, os ombros redondos. O grande queixo de alce caía sobre o peito, os olhos já encolhidos,

embrulhados em lágrimas. Trocando as pernas, os joelhos juntos, dando passos invisíveis, o Bob cruzou a cave para se atirar sobre mim.

O Bob desmoronou sobre mim.

Os grandes braços do Bob enlaçaram-me.

O Big Bob era viciado em esteroides, disse. Passou muitos dias a comer salada e a tomar *Dianabol*, depois, *Wistrol*, esteroides para cavalos de corrida. O ginásio. O Big Bob tinha um ginásio. Fora casado três vezes e tinha sido porta-voz comercial de diversos produtos. Será que já o tinha visto na televisão alguma vez? O programa de exercícios que permite desenvolver os peitorais foi praticamente uma invenção dele.

Estranhos com este tipo de honestidade fazem-me ficar «murcho» da cintura para baixo, se é que me entendem. O Bob não sabia, mas talvez um dos seus *huevos* nunca tivesse descido, e ele sabia que esse era um fator de risco. O Bob falou-me da terapia hormonal pós-operatória.

Muitos dos culturistas que injetavam demasiada testosterona ficavam com o que chamavam tetas de cadela.

Tive de perguntar ao Bob o que queria dizer com *huevos*.

Huevos, disse o Bob. Colhões. Tomates. O abono de família. Túbaros. Bolas. No México, onde se compram esteroides, chamam-lhes «ovos».

Divórcio, divórcio, divórcio, disse o Bob, e mostrou uma foto, na carteira, em que aparecia gigante e nu à primeira vista, em pose contraída, num campeonato qualquer. É uma maneira estúpida de viver, disse o Bob, mas quando estás inchado e rapado, em palco, com a gordura corporal desfeita – apenas dois por cento –, e os diuréticos te deixam frio e rijo ao toque como betão armado, ficas cego com as luzes e surdo pela eletricidade do *feedback* das colunas de som antes das ordens do júri:

«Distenda o adutor direito, contraia e mantenha. Distenda o braço esquerdo, contraia o bíceps e mantenha.»

É muito melhor do que a vida real.

Um salto temporal para diante até ao cancro, diz o Bob. Estava falido. Tinha dois filhos crescidos que não lhe devolviam os telefonemas.

A cura para as tetas de cadela implicava que o médico cortasse abaixo dos peitorais, para drenar fluídos.

É tudo o que me lembro, porque o Bob estava a cercar-me com os seus braços e tinha a cabeça sobre a minha, para me proteger. Depois perdi-me no fundo do esquecimento escuro e silencioso e completo, e, quando finalmente me afastei do seu peito macio, a *T-shirt* do Bob tinha a máscara molhada da minha cara durante o choro.

Isso foi há dois anos, na minha primeira noite nos Homens Que Perduram Juntos.

Desde então, em quase todos os encontros, o Big Bob faz-me chorar.

Nunca mais voltei ao médico. Nunca mais voltei a mastigar raiz de valeriana.

Isto era a liberdade. Perder toda a esperança era a liberdade. Se não dissesse nada, as pessoas do grupo assumiriam o pior. Se eles chorassem mais, eu choraria mais. Olha para as estrelas e já não estás aqui.

Caminhando para casa, depois de uma reunião com o grupo de apoio, sentia-me mais vivo do que nunca. Eu não era o hospedeiro de parasitas no sangue; eu era o centro quente ao redor do qual a vida do mundo se juntava.

E dormi. Nem os bebés dormem tão bem.

Ressuscitado.

Todas as noites morria e todas as noites nascia.

Ressuscitado.

Até esta noite. Dois anos de sucesso até esta noite. Não posso ser salvo porque não consigo bater no fundo. De tanto morder o interior da boca, a minha língua parece papel de parede amarrotado. Não durmo há quatro dias.

Com ela a olhar para mim, sou um mentiroso. Ela é uma falsa. Ela é uma mentirosa. Esta noite, durante a introdução, cada um apresentou-se, Sou o Bob, sou o Paul, sou o Terry, sou o David.

Nunca digo o meu nome verdadeiro.

«O cancro é aqui, certo?», pergunta ela.

Depois diz, «Bem, eu sou a Marla Singer».

Ninguém explicou à Marla de que tipo de cancro se tratava. Nesse momento, estávamos todos ocupados a embalar a nossa criança interior.

O homem ainda chora no pescoço dela e a Marla dá mais uma passa no cigarro.

Observo-a por entre as mamas trémulas do Bob.

Para a Marla, eu sou o falso. Desde a segunda noite em que a vi que não consigo dormir. No entanto, eu fui o primeiro falso, a menos que todas estas pessoas estejam a fingir as suas lesões, tosses e tumores, até o Big Bob, o grande alce. O grande pão de queijo.

Olhem-me para aquele cabelo esculpido do Bob.

A Marla fuma e revira os olhos.

Neste momento, a mentira da Marla reflete a minha, e tudo o que consigo ver são mentiras. Todos se revelam e ariscam, partilhando o seu pior medo – a morte aproxima-se e o cano de uma arma está pressionado contra o fundo das suas gargantas. Bem, a Marla fuma e revira os olhos, e eu, eu estou enterrado, debaixo de um tapete em pranto, e, de repente, até a morte, estar a morrer, faz parte da lista dos não-eventos, como um ramo de flores de plástico a passar numa televisão.

«Bob», digo, «estás a esmagar-me.» Tento sussurrar, depois esqueço. «Bob.» Procuo manter a minha voz baixa, mas estou a gritar. «Bob, tenho de ir à casa de banho.»

Um espelho pendurado sobre o lavatório. Se o padrão se mantiver, vou ver a Marla Singer no grupo Mais Alto e

Mais Além, dos parasitas no cérebro. A Marla vai lá estar. Claro que a Marla vai lá estar. E depois da introdução e da meditação guiada, das sete portas do palácio, da bola curativa de luz branca, depois de abrirmos os chacras, quando é altura de nos abraçarmos, eu agarro aquela cabra.

Os braços dela apertam-se contra os flancos. Os meus lábios vão encostar-se na sua orelha e eu vou dizer, Marla, sua grande falsa, sai daqui para fora.

Esta é a única coisa real na minha vida e tu estás a destruí-la.

Não passas de uma turista.

Da próxima vez que nos encontrarmos, vou dizer-lhe, Marla, não consigo voltar a dormir enquanto estiveres aqui. Preciso disto. Sai daqui para fora.